

ÉTICA, ESTÉTICA E POÉTICA DOS SABERES INSURGENTES DA CIDADE LETRADA

Prof. Dr. Denilson Lima Santos (UNILAB)

Profa. Dra. Lílíam Ramos (UFRGS)

Prof. Dr. Rogério Mendes (UFRN)

As relações e diferenças políticas e sociais observadas entre os espaços latino-americanos e europeus possuem raízes históricas que reiteram a noção de colonialidade e configuram o corrente sistema geopolítico global. Do século XV aos dias de hoje o legado colonial aperfeiçoou mecanismos de controle de trabalho; modos de produção, e inclusive, de conhecimento; comunicação e linguagens fundamentadas a partir de princípios éticos, supostamente privilegiados, tendo como base uma espécie de missão integradora universal. Desse modo, a partir de espaços de convivência interculturalizados, coabitados também por interesses em desacordo, geraram-se racismos e negaram-se genealogias de povos independentes em detrimento de referencialidades estranhas, distantes e hegemônicas. Desde então, negros, povos originários e mestiços; latinos, sujeitos com sexualidades dissidentes, migrantes, bem como os invisíveis habitantes fronteiriços, base étnica e multicultural constitutiva, sobretudo, latino-americana, são compreendidos como “outros” e seus sistemas criativos e políticos questionados pelo desdobramento de uma complexidade colonial que persiste.

A estratégia de induzir a reiteração de discursos instituídos globalmente, como afirma Arturo Escobar (In LANDER, 2000), tende a fazer com que espaços com pouca visibilidade política sintam a necessidade da revisão epistemológica no intuito de garantir não apenas isonomias mas também, indistintamente, soberanias. Acredita-se, desta forma, que preservando o patrimônio cosmogônico, individual e coletivo, seria possível otimizar as relações entre as diferenças e garantir a legitimidade de particularidades em meio ao gradual processo de uniformização histórica, política e cultural planetária. Nessa perspectiva as atenções voltam-se para os estudos dos discursos e (meta)narrativas por serem mediadores de fronteiras e fluxos que justificam, em tese, domínios políticos subjetivos. São mecanismos que incutem no tempo imaginação, e outras sugestões valorativas, como forma de ampliar ocupações de domínio. É nesta circunstância que se reconhece o momento propício para (re)pensar o *modus operandi* das formações e relações crítico-educativas que envolvem as responsabilidades dos caminhos dos estudos literários e, mais especificamente, dos estudos

culturais atuais. Esta proposta de pesquisa, portanto, pode ser interpretada a partir da importância da preservação e reconhecimento de patrimônios que constituem as identidades no eixo Sul-Sul.

As matrizes de natureza política e subjetiva, como a literatura, por exemplo, na conjuntura global também possuem raízes históricas que contribuem para compreender as tensões e distensões de um sujeito que não pode, em absoluto, dar conta isoladamente de sua totalidade. Por meio de narrativas a noção de colonialidade – do imaginário – ainda se faz presente e, inevitavelmente, relaciona-se a uma diplomacia perversa que aproxima territórios mas incute violências ao não reconhecer, ou reconhecer parcialmente, valores e tradições culturais distintas. Tomando-se como referencial o interesse pela contribuição epistemológica de instâncias diversas, considerando-as nas realidades latino-americanas de suma importância, principalmente se enunciadas a partir de seus próprios sujeitos e produções, oportuniza-se valores e representações ignoradas por muitos. É dessa maneira que se perfazem pertinentes os questionamentos feitos por Walter D. Mignolo (2003) sobre a importância de revisar, e reavivar, histórica e epistemologicamente, as disposições sobre o patrimônio crítico e criativo que tornam invisíveis autonomias de vozes culturais independentes.

Desse modo, portanto, a presente ideia do dossiê “Os saberes ausentes da cidade letrada no Século XXI” retoma e rediscute a pertinência do estudo do uruguaio Ángel Rama, *A cidade e as letras* (1985), no qual o crítico literário questiona a estratégia de ocupação e hegemonia da elite intelectual responsável pela institucionalização de hierarquias culturais e civilidade, desde os tempos coloniais, o que se pretende colocar em questão é a prevalência da ideia no século XXI. A ideia consiste em investir na visibilidade de projetos críticos e criativos a partir da América Latina formulados a partir de seus próprios anseios e sujeitos. Vislumbra-se, como objetivo, por meio do aporte decolonial, reconhecer nas aproximações estéticas e culturais entre as comunidades do Sul global a oportunidade de (re)pensar epistemologias, sem mediações, a partir de suas próprias experiências históricas. De acordo com Adélia Miglievich-Ribeiro há uma

(...) urgência do diálogo a partir do Sul entre as distintas esferas culturais envolvendo a ação descolonizadora das subalternidades mediante a ênfase nas experiências singulares, na tradução e na articulação das diferenças em torno de projetos plurais de reconhecimento de sujeitos e suas vozes para a ampliação do universal como diversidade (2014, p.66).

De acordo com Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula de Meneses (2014) a revisão de epistemologias modernas apresenta-se como desafio teórico para dar inteligibilidade a um mundo que, apesar de diverso, ainda possui dificuldades em articular-se como tal. A intenção do projeto afirma-se na busca pelo reconhecimento de contribuições culturais da *diversalidade* com vistas a dar uma maior visibilidade às manifestações humanas e sociais à margem no processo de formação social e literária latino-americana. Trata-se de um desafio ético na medida em que se observa o silenciamento de instituições por condutas politicamente questionáveis que até os dias de hoje esvaziam, gradativamente, a noção do particular em detrimento de vias que uniformizam o entendimento do diverso.

A pouca visibilidade e desconhecimento da contribuição das epistemologias diversas na base curricular como saberes nos currículos dos centros de difusão de conhecimentos resulta no distanciamento de noções necessárias para compreender, de maneira íntegra e responsável, o caráter multi-constitutivo do espaço cultural latino-americano. Trata-se de uma proposta que visa aproximar-se, e também revelar, tradições que ao longo do tempo, por meio de imaginários, léxicos e prosódias, em tempos coloniais e contemporâneos, possibilitaram o desenvolvimento da criatividade e originalidade na região. Aprofundar as diretrizes de estudo aqui, ultrapassa o sentido reivindicatório sugerido pelos Estudos Culturais, quase sempre articulado a partir da perspectiva de subalternidade (BEVERLEY, 2004) para reabilitar e incluir como representação válida o exercício democrático por meio de uma simetria dialógica que visa substituir a beligerância da violência retórica, ou mera indiferença, ou ainda como prefere Dussel (1997), “práxis racional da violência”, por acordos e propostas interessadas em redefinir a ideia de civilização como, de fato, expansão de fronteiras que apenas pode tornar-se possível a partir da ampliação de redes que oportunizam o conhecimento de particularidades ignoradas.

Estudos realizados a partir do Brasil, embora em crescimento gradual, ainda encontram algumas lacunas no que diz respeito ao registro e à apreciação crítica das múltiplas manifestações literárias e culturais que configuram o universo latino-americano em sua dinâmica, fluidez e abrangência contemporâneas. Em outra perspectiva, ao referir-nos às línguas colonizadoras predominantes na América Latina, por exemplo, percebe-se que a expansão da língua portuguesa e castelhana como idiomas de expressão literária e cultural no mundo articulam dinâmicas e abrangências próprias que, salvo algumas exceções, foram pouco assimiladas ou despercebidas pela cultura do *establishment* acadêmico. No caso das

literaturas de língua francesa, a pesquisadora e escritora canadense Lise Gauvin (2016) assume o termo *littératures de l'intranquillité* para as literaturas de expressão francesa quebequenses e antilo-guianenses, dissertando sobre as consequências causadas em ambientes plurilíngues cujos autores se encontram em uma *encruzilhada* de línguas e de culturas, o que possibilita maior sensibilidade na compreensão das dinâmicas culturais dos espaços em questão. Nota-se, com isso, uma emergente produção literária e cultural nessas línguas que há muito extrapolou os limites da cartografia oficial dos idiomas, expandindo-se como imaginários de poéticas diversas que buscam definir-se presentes e afirmativas como educação e cultura.

Em seu livro *El espejo enterrado* (2016), balanço crítico dos 500 anos de presença hispânica nas Américas, o escritor mexicano Carlos Fuentes apontava a existência de, pelo menos, três hispanidades: uma primeira, peninsular; uma segunda, hispano-americana e, por fim, uma terceira, estadunidense, referindo-se à crescente expansão linguística e cultural hispânica no interior dos Estados Unidos da América. Nos dias atuais, observa-se a expansão e a complexidade na dinâmica linguística e cultural das hispanidades e apresentam-se desafios na legitimação e assentamento curricular das novas realidades. A região da tríplice fronteira (Brasil, Argentina e Paraguai) apresenta expressão linguística híbrida: o *portunhol salvaje*, fusão entre português e castelhano, reflexo das dinâmicas sócio-históricas da região que repercutiram como projetos críticos e criativos em suas literaturas e precisam ser estudados e compreendidos. Além dos contextos fronteiriços das Américas, pode-se citar o contexto peninsular, na região de Gibraltar onde, pela aproximação geográfica entre Espanha e Inglaterra, observa-se o *andalunglish*, *ilanito/yanito*, variações do *spanglisb*, onde já se desenvolvem as primeiras produções literárias e compreendidas como novos desdobramentos dos estudos culturais, linguísticos e literários hispânicos.

É também notória a atenção de pesquisadores hispanistas sobre uma emergente produção literária e cultural em espanhol presente por territórios africanos e asiáticos, como República dos Camarões, Guiné Equatorial e Saara Ocidental, na África, e no arquipélago das Filipinas e atual Estado de Israel e sua resistente expressão literária em língua hebraico-espanhola, na Ásia, países supostamente ahispânicos, mas que também compõem, à revelia, uma produção literária em língua espanhola. O aporte colonial na expansão do castelhano possibilitou ao longo da história o desenvolvimento de expressões literárias e culturais hispânicas nos continentes africano e asiático que ainda nos dias hoje permanecem à margem

do reconhecimento por razões que fogem à validação do rigor e legitimidade cultural e linguística e aproximam-se da arbitrariedade política e acadêmica eurocentradas.

A predominância dos referentes civilizacionais eurocêntricos na América Latina em virtude das relações coloniais no continente ainda dificulta o desenvolvimento e o aporte do intelectual genuinamente orgânico e latino-americano, autônomo, comprometido com as importâncias e efeitos das humanidades locais. No propósito que releva a motivação das epistemologias do Sul (SANTOS; MENESES, 2000) ao aproximar os fundamentos tradicionais e sapienciais que aproximam o Sul global, bem como reflexões do coletivo decolonial (MIGNOLO, 2003, 2010; CASTRO-GÓMEZ, 2013, 2015), torna-se basilar (re)pensar os desdobramentos históricos, políticos e sociais da relação entre a modernidade e colonialidade para a América Latina, no intuito de suplementar o pensamento fundamental e crítico latino-americano sobre origens e desenvolvimento; tal interesse deve integrar a literatura e seus estudos críticos a outras linguagens artísticas, intersemioses, como teatro, música etc.

Os avanços dos estudos literários, em sintonia e aproximação da literatura com outras linguagens e disciplinas, é irreversível e possui amplo alcance e responsabilidade. Isso significa, em termos práticos, que além do status de linguagem em caráter especial a literatura assume comprometimento ético com as ressignificações dos sujeitos e suas demandas. Observa-se, gradativamente, a massificação de vozes dissonantes às regulações das subjetividades e liberdades individuais pela tecnocracia capitalista como cultura, ou representatividade, do ‘contraditório’ que fere liberdades individuais, inclusive, no contexto latino-americano. A consequência é o surgimento de teorias que reivindicam a (re)ocupação de espaços democráticos por direito e a academia, por tradição, espaço responsável pela formação e difusão de saberes, *locus* da reflexão e diversidade, deve empreender estímulo e espaço à criticidade.

O desafio em estabelecer uma proposta educativa que inclua os saberes ausentes nos debates com pautas e formas de (re)pensar as humanidades, vêm tomando proporções importantes no âmbito do conhecimento acadêmico. Em países com histórico de colonização e, conseqüentemente, violências e apropriações, é cada vez mais urgente que as universidades avaliem suas propostas curriculares e epistemológicas trazendo, ao debate, formas outras de pensar a sociedade. Levando em conta o conceito de *pedagogías decoloniales*

(WALSH, 2013), no qual pedagogias são apresentadas como estratégias, práticas e metodologias que denotam insurgências, organização e ação, entende-se que a pesquisa acadêmica tem o dever de contemplar estudos e análises outras que dêem conta de um conhecimento, de fato, amplo e democrático. Nesse sentido, apresentamos o presente dossiê, no qual pesquisadores de diferentes latitudes do Sul global refletem sobre as epistemologias dissidentes na América Latina e da África, estabelecendo diálogos profícuos acerca das especificidades culturais de indivíduos historicamente silenciados pela razão ocidental. Para melhor dilatarmos nossas discussões, localizamos as reflexões em quatro espaços excluídos da cidade letrada - Abya Yala, Terreiro, Encruzilhada e Periferia - não na intenção de submetê-las a espaços estanques, pelo contrário: entendemos que as epistemologias dissidentes estão em constante deslocamento e se localizam nos *cruços* do saber, dialogando em seus processos transculturais.

Diante do exposto, dividimos, simbolicamente, o presente dossiê em quatro seções que apresentaremos aqui. Inicialmente propomos a subdivisão EM ABYA YALA: SABERES E REPRESENTAÇÕES ORIGINÁRIAS, respeitando as epistemologias dos povos originários que entenderam Abya Yala como Terra madura, Terra viva ou Terra em florescimento, segundo o povo Kuna, do Norte da Colômbia. Os dois primeiros textos propõem releituras de textos e representações quechuas: em “El chumbe alrededor del poema: lectura heterodoxa de la poesía desde la episteme inga”, Selnich Vivas Hurtado relê três poemas ocidentais a partir de uma episteme inga, grupo quechua localizado no sudoeste da Colômbia, através do *chumbe* ou poema entretecido e Christian Elguera Olortegui em “El wamani es wamani”: La lógica relacional no-humana en *La agonía de Rasu-Ñiti* de José María Arguedas” entende o texto arguediano como cosmopolítico ao enfatizar uma concepção onto-epistêmica quechua onde os mundos andinos se mostram constituídos por relações entre coletivos humanos e múltiplos agentes não-humanos. O pensamento decolonial é aplicado por Leandro Faustino Polastrini, Jennifer Paola Pisso Concha e Paulo Sérgio Sousa Costa em “O pensamento intelectual indígena no ciberespaço: uma mirada decolonial e extensão de suas memórias” ao oferecer uma visão do pensamento intelectual indígena no ciberespaço através das análises do canal TV Daniel Munduruku no Youtube e da web rádio Yandê, bem como por Lucas Soares em “Abya Yala e a comunidade em florescimento: decolonialidade e o processo de comunidade” ao estabelecer uma relação entre comunidade e os estudos sobre decolonialidade, propondo a naturalização de outras formas de

conhecimento onde as interpretações de mundo partam das experiências subvertendo a lógica do saber positivista.

A próxima seção, NO TERREIRO: LITERATURAS E TEORIAS AFRO-LATINO-AMERICANAS, discorre sobre conceitos que estão surgindo na América Latina a partir das pesquisas em literatura de autoria negra. William Mina em “Manuel Zapata Olivella: intelectual afrodiaspórico”, situa o intelectual colombiano ao lado de grandes pensadores negros como Du Bois, CLR James, Aimé Césaire, Frantz Fanon, entre tantos outros que pensaram a diáspora africana nas Américas. Em “Sobre a guianidade literária de expressão francesa - prelúdio temático”, Dennys Silva-Reis apresenta ao público brasileiro uma introdução às ainda desconhecidas literaturas da Guiana Francesa na intenção de definir seu conceito enquanto literatura singular a partir da ideia de *guianidade*. Em “Os mortos não sabem o preço dos caixões”: afrorrealismo na literatura haitiana”, Wellington Nardes Navarro da Costa aplica o conceito de *afrorrealismo* às literaturas haitianas e Andressa Bastos Paz apresenta o conceito de *mirada extrañada* em “A visão do outro: as representações do “eu” afro-argentino no século XIX” através da perspectiva de uma pesquisadora branca e brasileira nas análises da literatura afro-argentina produzida no século XIX.

No seccionamento: NA ENCRUZILHADA: TRÂNSITOS FRONTEIRIÇOS E RELEITURAS CANÔNICAS, Amarino Oliveira de Queiroz discute no texto “A criação literária em Belize: emergência de uma literatura hispana em contexto oficialmente angloparlante” os aspectos da literatura de Belize a partir de um estudo da fortuna crítica e das diversidades linguísticas e culturais de um dos mais jovens países do continente americano. Em consonância com esse apartado, o artigo “Narrativas de fronteiras nas escritas de Jorge Pozzobon e Ruy Duarte de Carvalho”, de Ana Lúcia Liberato Tettamanzy apresenta as narrativas dos escritores e antropólogos Jorge Pozzobon e Ruy Duarte de Carvalho sob o aspecto fronteiro da literatura e da etnografia. No texto de Danny Leobardo Velásquez Romero, a saber, “La historia a contrapelo: ensayo acerca de *Las tesis* sobre el concepto de historia de Walter Benjamin” podemos encontrar um diálogo entre os conceitos de tempo e de história do filósofo Walter Benjamin com as demandas contemporâneas da América Latina. No artigo que encerra essa seção, “*La diosa y la noche* e *O cavalo de santo*: uma reflexão sobre dramaturgias negras sul-americanas” de Acevesmoreno Flores Piegaz, o nobre leitor poderá investir seu precioso tempo de leitura para descobrir na escrita

dramatúrgica do afro-uruguaio Jorge Chagas e da afro-gaúcha Viviane Jughero a relação entre negritude e branquitude nessas terras.

No tecer das malhas escritas na América Latina, apresentamos a última seção deste dossiê: NA PERIFERIA: SUJEITOS E FILOSOFIAS DISSIDENTES. Neste espaço, começamos com o artigo: “O significado da comunidade-universo-Orum-Aiyé ou comunidade-universo-natureza na filosofia africana do Ntu-Axé” de Basilele Malomalo. O autor apresenta a filosofia de diversos povos africanos sobre os conceitos de Universo, Natureza e Terra na formação e compreensão das ontologias e cosmogêneses africanas. De modo semelhante, para as guerras culturais norte-americanas no continente africano, Catherine Rea, no texto “Guerras culturais, fundamentalismo evangélico e neoliberalismo: a situação das minorias sexuais em contextos africanos”, apresenta como o processo de “politização da sexualidade” tem impetrado, por meio das leis, a homofobia na África. Em continuidade, o artigo “Poesia e lócus fraturado: a produção de autoria feminina e a contemporaneidade”, de Raíra Costa Maia de Vasconcelos, suscita um estudo relevante sobre a poética feminina de autoras de Angola, do Brasil e de Moçambique. E por último, mas não menos importante, Adriana Kerchner da Silva e Jéssica de Souza Pozzi apresentam, em “Relatos orais, relatos sonhados: a marronagem de Juan Francisco Manzano e Maryse Condé”, as narrativas dos sujeitos que foram escravizados como projetos de “pedagogias da *cimarronaje*”.

Faz-se necessário buscar na história, literatura e outros discursos latino-americanos as contribuições que outras epistemologias construíram. Talvez, na tentativa de contemplar as vozes esquecidas ou saberes que estão ausentes nas discussões hegemônicas da crítica literária latino-americana, essa proposta de trabalho volte o olhar para muitos sujeitos que estiveram às margens da sociedade, erguendo passo a passo, bloco a bloco, uma crítica da estética e da sociedade latino-americanas. No entanto, não se pode deixar de lado outros sujeitos e culturas que constituem esse espaço da “cidade letrada” pois, como assinalou Street (2014), cada comunidade apresenta suas práticas de letramento de forma diferente do que se concebe pelo pensamento hegemônico. Daí, opta-se pelo termo no plural: letramentos. Nesse sentido, pode-se dizer que os demais saberes ausentes na cidade letrada são aqueles que compõem o plural desse espaço de saber. Para além da discussão já estabelecida neste projeto, é necessária a reflexão acerca das pautas femininas; das comunidades de sexualidades dissidentes: LGBTQI+; dos sujeitos que escrevem e verbalizam com voz e corpo com o hip-

hop das periferias e subúrbios dos grandes centros urbanos; das culturas oriundas dos espaços de fronteiras; além de outras formas e expressões cujos conhecimentos serão de alta relevância para os debates epistemológicos do século XXI.

O livro *A cidade e as letras* (1985), uma das principais obras da crítica cultural e literária na América Latina, retoma a pertinência da tese que questiona a estratégia de ocupação e hegemonia da elite intelectual responsável pela institucionalização de hierarquias culturais e civilidade nos tempos coloniais. Assim como Rama, o que se quer promover com o dossiê, além de compreender as bases intelectuais que forjaram compreensões avessas à ideia da diversidade cultural e intelectual que constitui a América Latina, é promover a visibilidade, reconhecimento e expansão de saberes distintos de uma matriz de tradição colonial que se perpetua como cultura nos centros de difusão de conhecimento e currículos escolares. Apresentar-se como ‘fissura’ do “não reconhecimento” ou da “não admissão” que destaca e valoriza livres expressões de representação é compreendida pela proposta como avanço legítimo e democrático dos saberes latino-americanos como *intelligentsia* “periférica” e como patrimônio individual e coletivo por meio da literatura.

REFERÊNCIAS

BEVERLEY, John. *Subalternidad y Representación*. Debates en Teoría Cultural. Trad. Marlene Beiza; Sergio Villalobos-Ruminott. Madrid: Iberoamericana, 2004.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *La Hybris de Punto Cero: Ciencia, Raza e Ilustración en la Nueva Granada (1750-1816)*. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2005.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *Crítica de la razón latinoamericana*. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2015.

FUENTES, Carlos. *El espejo entejado*. Mexico: Alfaguara, 2016.

GAUVIN, Lise. Des littératures de l'intranquillité. In: *Intercâmbio: Revue d'études françaises*. Porto: 2016, 2 série, vol. 9. p. 27-33. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id05id1184&sum=si>>. Acesso em: 23 jun. 2020.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adélia. “Por uma Razão Decolonial. Desafios Éticos-Políticos-Epistemológicos à Cosmovisão Moderna”. In: *Revista Civitas* V. 14, N. 1 Dossiê Diálogos do Sul. Porto Alegre: PUCRS, jan-abr 2014, pp. 66-80.

MIGNOLO, Walter. *Histórias Locais/Projetos Globais: Colonialidade, Saberes Subalternos e Pensamento Limiar*. Tradução: Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter. *Desobediencia Epistêmica: Retórica de la Modernidad, Lógica de la Colonialidad y Gramática de la Descolonialidad*. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.

RAMA, Angel. *A Cidade das Letras*. Trad. Emir Sader. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula de. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

STREET, Brian. V. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

WALSH, Catherine. Lo pedagógico y lo decolonial. Entretejiendo caminos. In: WALSH, Catherine (org). *Pedagogías decoloniales. Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013. p. 23-68.

WALSH, Catherine. Interculturalidad, conocimientos y decolonialidad. In: *Espacios, tiempos y sujetos de la multi(inter)culturalidad*. Revista Signo y Pensamiento, v.24, n.46, 2005. p.39-50.

Submetido em junho de 2021.

Aprovado em junho de 2021.

Informações do(a)s autor(a)(es):

Denilson Lima Santos

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

E-mail: denilsonlimas@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4683-1902>

Liliam Ramos

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

E-mail: liliamramos@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1963-5917>

Rogério Mendes

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

E-mail: roger.mendes1977@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5296-7588>